



## O ESTRANHO QUE ENSINAVA MÁGICA

ARTHUR GORDON

**A**QUELA MANHÃ de julho, lembro-me bem, era igual a qualquer outra, calma e opalescente, antes do calor do ardente sol de verão. Eu tinha 13 anos: queimado do sol, cabelo desganhado, um pouco reservado e solitário. No inverno eu era obrigado a calçar sapatos e ir ao colégio como todo mundo. Mas no verão eu vivia jun-

to do mar, e meu espírito era livre.

Naquela manhã eu tinha amarrado o meu barco às estacas de um velho cais no rio de nosso povoado. Ali às vezes os sargos listrados se escondiam nas verdes águas tranqüilas. Eu estava agachado, imóvel como uma pedra, quando ouvi uma voz acima de minha cabeça: "Podes tu com anzol apanhar o crocodilo, ou lhe

travar a língua com uma corda?"

Olhei para cima espantado e encontrei um rosto magro e pálido e os olhos mais extraordinários que já vi. Não era questão de côr; hoje não sei ao certo qual a sua côr. Era uma combinação de vários elementos: calor, humor, interêsse, vivacidade. Intensidade—é essa a palavra, creio—e, acentuando tudo, um tipo curioso de tristeza zombeteira. Acho que pensei que era um velho.

Êle percebeu o meu espanto.

—Desculpe—disse.—É um pouco cedo para o Livro de Jó, não é?—Com a cabeça indicou os dois ou três peixes no barco.—Acha que pode ensinar-me a pescar isso?

Geralmente eu desconfiava de estranhos, mas qualquer pessoa interessada em peixe não era pròpria-mente estranha. Fiz que sim, e êle entrou no barco.

—Talvez devamos apresentar-nos—disse êle.—Mas talvez não. Você é um garôto que está disposto a ensinar e eu sou um professor que está disposto a aprender. Isso basta. Eu o chamarei de "Garôto" e você me chamará de "Senhor".

Aquela conversa parecia estranha, no meu mundo de sol e água salgada. Mas havia algo de tão magnético naquele homem e de tão cativante no sorriso dêle que não me importei.

Entreguei-lhe uma linha e mostrei-lhe como pôr isca de caranguejo-chama-maré no anzol. Êle só fazia perder iscas, pois não reconhecia o puxão sorrateiro do sargo, mas não se importava por não pegar nada. Con-

tou-me que tinha alugado um dos velhos bangalôs que havia atrás do cais.

—Eu estava precisando me esconder por uns tempos—disse êle.—Não da polícia, nem nada parecido. Mas dos amigos e parentes. Por isso, não diga a ninguém que me encontrou, está bem?

Senti-me tentado a perguntar-lhe de onde vinha; êle falava com um jeito brusco muito diferente do sotaque suave a que eu estava acostumado na Geórgia. Mas não perguntei. Como êle tinha dito que era professor, eu lhe perguntei o que ensinava.

—No catálogo do colégio êles dizem que é Inglês—respondeu.—Mas eu gosto de considerá-lo um curso de mágica: do mistério e da mágica das palavras. Você gosta de palavras?

Respondi que eu nunca tinha pensado muito nelas. Disse também que a maré estava baixando, que a corrente estava ficando forte demais para se pescar, e que estava na hora de eu tomar o café da manhã.

—Claro—disse êle recolhendo a linha.—Eu ando um pouco esquecido dessas coisas ultimamente.—Êle voltou para o cais fazendo uma careta, como se o esforço lhe fôsse penoso.—Você vai voltar ao rio mais tarde?

Eu disse que provàvelmente ia apanhar camarões na maré baixa.

—Passe por aqui—disse êle.—Vamos falar um pouco sôbre palavras, e depois talvez você possa mostrar-me como se apanham camarões.

E assim começou uma amizade muito estranha, pois eu voltei mesmo. Até hoje não sei bem por quê. Talvez porque, pela primeira vez, eu encontrara um adulto em termos de igualdade. No campo das idéias e das palavras êle podia ser o mestre. Mas em meu pequeno universo de ventos, marés e criaturas do mar a sabedoria estava comigo.

Depois disso, quase todos os dias íamos para onde os deuses do mar ou meu capricho determinassem. Às vezes subíamos os riachos prateados, onde as tartarugas escorregavam pelas margens e as grandes garças-azuis ficavam paradas como estátuas. Às vezes percorríamos as dunas oceânicas cercadas do gracioso capim-aveia onde de noite rastejavam as grandes tartarugas do mar, e de dia pastavam as cabras selvagens. Mostrei-lhe onde rodopiavam as tainhas e onde se ocultavam os linguados, astuciosamente camuflados. Verifiquei que êle não podia fazer muito esforço; até puxar a âncora o fatigava. Mas nunca se queixava. E o tempo todo as palavras jorravam dêle como de uma fonte.

Já esqueci muita coisa, mas alguma lembrança ainda me volta como se tudo tivesse acontecido ontem e não há dezenas de anos. Às vezes ficávamos ancorados perto da praia, lançando o anzol na arrebentação para pescar percas, nosso barquinho focinhando sôbre as ondas como um cão inquieto.

—Ritmo—dizia êle.—A vida está cheia disso; as palavras também de-

vem ter ritmo. Mas é preciso educar o ouvido. Escute as ondas numa noite silenciosa; você acaba pegando a cadência. Olhe os desenhos que faz o vento na areia sêca e verá quantas sílabas deve haver numa frase. Sabe o que quero dizer?

Meu consciente não sabia; talvez alguma coisa lá no fundo de mim soubesse. Mas eu escutava.

Eu escutava também quando êle lia os livros que levava às vezes: Kipling, Conan Doyle, *Idylls of the King* de Tennyson. Muitas vezes êle parava e repetia uma frase ou um verso que lhe agradava. Um dia, em *Le Morte d'Arthur*, encontrou uma: "E o grande cavalo relinchou sinistro."

—Feche os olhos—disse-me êle—e diga isto devagar, em voz alta.—Eu obedeci.—Que sente com isso?

—Fico arrepiado—respondi com sinceridade.

Êle ficou encantado.

Mas a mágica que êle ensinava não se limitava às palavras; êle sabia despertar em mim uma emoção por coisas que eu sempre considerara muito naturais. Apontava para um monte de nuvens:

—Que vê você além? Côres? Não basta. Procure tôrres e pontes levadiças. Procure dragões e grifos e feras estranhas e maravilhosas.

Ou então apanhava um caranguejo zangado, que brandia as garras, e o segurava cuidadosamente pelas costas, como eu lhe ensinara.

—Faça de conta que você é êste caranguejo. O que vê você por êsses

olhos protuberantes? Que sente com essas pernas complicadas? Que se passa em seu cérebro acanhado? Experimente por uns cinco segundos. Deixe de ser menino e procure ser caranguejo!

E eu ficava olhando abismado para a criatura furiosa, sentindo minha cômoda identidade abalada e oscilante sob o impacto da idéia.

E assim passavam os dias. Nossas excursões tornaram-se menos frequentes, porque êle se cansava de depressa. Êle levou duas cadeiras para o cais, e alguns livros, mas não lia muito. Contentava-se em espiar-me enquanto eu pescava, ou em olhar as gaivotas em círculos ou o rio vagaroso serpeando perto dêle.

Uma sombra repentina caiu sôbre minha vida quando meus pais me disseram que eu ia para um acampamento por duas semanas. No cais, naquela tarde, perguntei ao meu amigo se êle estaria ali quando eu voltasse.

—Espero que sim—respondeu-me com brandura.

Mas não estava. Lembro-me de ter ficado ali nas tábuas quentes de sol, no velho cais, olhando o bangalô fechado e sentindo uma sensação de fim e de perda. Corri para o armazém—onde todo mundo sabia de tudo—e perguntei para onde tinha ido o professor.

—Êle estava doente, muito doente—respondeu a Sr.<sup>a</sup> Jackson.—O doutor telefonou aos parentes dêle para que viessem buscá-lo. Êle dei-

xou uma coisa para você... imaginou que você ia perguntar por êle.

Ela entregou-me um livro. Era um volume de poesias, *Flame and Shadow*, de alguém cujo nome eu nunca tinha ouvido falar: Sara Teasdale. O canto de uma página estava dobrado e havia uma estrêla a lápis junto de um poema. Ainda tenho o livro com aquêle poema, "Sôbre as Dunas".\*

Se houver qualquer vida quando a morte passar,

Estas praias fulvas saberão muito sôbre mim;

Eu voltarei, tão constante e mutável

Como o mar imutável e multicolor.

Se a vida foi curta, se me tornou desdenhosa,

Perdoa-me; eu me aprumarei como uma chama

Na grande calma da morte, e se você quiser

Fique no alto das dunas voltado para o mar e grite o meu nome.

Bem, nunca fiquei sôbre as dunas gritando o nome dêle. Para começar, eu nunca o soube; depois, eu era muito encabulado. E há longos períodos em que me esqueço dêle completamente. Mas às vêzes—quando a música ou a mágica de uma frase me arrepia a pele, ou quando apainho um caranguejo zangado, ou quando vejo um dragão no céu chamejante—às vêzes me lembro.

\* Traduzido com permissão de Macmillan Co.